

Adaptação para Português da Escala Multidimensional do Sentido de Humor (MSHS)

Adaptation to Portuguese of the
Multidimensional Sense of Humor Scale (MSHS)

Helena José *
Pedro Parreira **

Resumo

O sentido de humor é um fenómeno complexo, de natureza claramente individual, que surge intimamente ligado ao bem-estar, desempenhando um papel bastante importante na vida das pessoas, sendo reconhecido como um mecanismo útil para lidar com situações difíceis.

Dado que existem diferentes tipos de humor que se associam a diferentes respostas do indivíduo e a diferentes situações, torna-se importante conhecer as dimensões do humor, através da utilização de instrumentos fíaveis. Neste sentido, este estudo, contribui para a adaptação da MSHS (*Multidimensional Sense of Humor Scale*), de Thorson & Powell (1993a) para a população portuguesa.

A análise global dos resultados mostra que a adaptação para português do instrumento *Multidimensional Sense of Humor Scale* apresenta valores psicométricos satisfatórios, adequando-se para avaliação do sentido de humor nas suas dimensões.

Palavras-chave: sentido de humor, MSHS, população portuguesa

Abstract

To have a sense of humour has been considered, throughout time, a superior form of intelligence. In fact, the sense of humour is recognized as an important adaptive function as well as a great ability to deal with adversity. Thus, the personal sense of humour is a multidimensional construct, intimately connected with people's well-being, which is important to study through research. In this way, to evaluate the sense of humour in Portuguese cultural context is important to adapt instruments that allow us to do so.

This article intends to contribute to the adaptation of MSHS (*Multidimensional Sense of Humour Scale*) to the Portuguese Population.

The version used in the study refers to the questionnaire by Thorson and Powell (1993a), published in the *Journal of Clinical Psychology*.

Keywords: sense of humour, MSHS, portuguese population

* Mestre em Comunicação em Saúde pela Universidade Aberta, Doutoranda em Enfermagem na Universidade de Lisboa e Professora Adjunta na Escola Superior de Saúde de Faro (Departamento de Enfermagem) [hjose@ualg.pt]

** Doutor em Gestão pelo ISCTE e Professor Adjunto na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (Unidade Científico-Pedagógica de Ciências Básicas e Fundamentos de Enfermagem) [parreira@esenfc.pt]

Recebido para publicação em 30-04-07.
Aceite para publicação em 03-08-07.

Introdução

Desde há muito que o humor tem vindo a ser reconhecido como um importante mecanismo para ajudar as pessoas a lidar com situações difíceis, desempenhando, por isso, um papel bastante importante na sua vida, ajudando-as a viver melhor e a lidar com as adversidades do dia a dia (Moody, 1979; Robinson, 1991; Holden, 1993). É um construto que surge intimamente ligado ao bem-estar, sendo considerado um fenómeno complexo, de natureza claramente pessoal, que tem sido estudado do ponto de vista psicológico, fisiológico e antropológico, apesar de não existir um conceito unanimemente aceite (Astedt-Kurki & Liukkonen, 1994; Hesbeen, 1997; Houston, Mackee, Carrol & Marsh, 1998; Yarcheski, Mahon & Yarcheski, 2002).

Essa dificuldade poderá assentar na sua natureza multidimensional e individual. Robinson (1991) assinala esta diversidade e importância dos diferentes tipos de humor, considerando que estes variam tremendamente. Na realidade aquilo que é hilariante para umas pessoas poderá ser completamente sem graça e incompreensível para outras, pelo que se torna importante diferenciar a resposta cognitiva (entender uma piada) da afectiva (riso; bem-estar), bem como reconhecer e compreender os diferentes tipos de humor, dada a sua influência na interacção pessoal.

Para tornar possível esta avaliação, torna-se importante a utilização de instrumentos válidos e fidedignos para avaliação dos aspectos multidimensionais do sentido de humor, pelo que se procedeu à adaptação da MSHS de Thorson & Powell (1993a) à população portuguesa.

Enquadramento Teórico

O humor é uma linguagem, um modo de expressão que diz outras coisas para além daquilo que parece exprimir. Joga com as palavras, fazendo-as portadoras de mensagens que são mais facilmente entendidas do que pela linguagem “normal”.

É uma forma de olhar para si próprio, de não se manter sério, de se valorizar e ter prazer, sendo a sua presença testemunho de uma boa adaptação (Verdeau-Paillès in Roux & Laharie, 1998).

Ser uma pessoa com sentido de humor e considerar-se como tal, pode reflectir uma atitude mental que predispõe a viver uma longa vida (Moody, 1979), já que o sentido de humor aumenta a nossa perspectiva em relação ao mundo e a nós próprios (Montagu, 1983 cit. em Simon, 1988; Thorson & Powell, 1993a). Poon, Martin, Clayton, Messner, Noble & Johnson (1992) observaram que as pessoas que envelhecem com sucesso possuem um elevado sentido de humor.

Deste modo, o humor pode dar uma nova e mais positiva “*estrutura de referência*”, ajudando as pessoas a lidar com desilusões, perdas, desgostos e sentimentos de culpa, fortalecendo a auto-estima (Astedt-Kurki, 1994). Ao nível psicológico, a utilização do humor é vantajosa, nomeadamente na promoção dos relacionamentos, no aumento da auto-estima e no alívio da ansiedade e tensão (Sheldon, 1996; Beck, 1997; Buffum & Brod, 1998; Bauer & Geront, 1999; Savage & Canody, 1999; Moran & Massan, 1999; Astedt-Kurki & Isola, 2001; Johnson, 2002). De facto, o humor tem sido usado para diminuir a distância social entre as pessoas, ajudando-as a desinibirem-se. Kubie (1971) e Snyder (1985) consideram que o humor, usado de forma habilidosa, cria uma atmosfera de relaxamento, encoraja a comunicação nas áreas sensíveis, ajuda a ganhar um conhecimento, um “dar-se conta” dos conflitos e a ultrapassar estilos sociais rígidos e formais.

O padrão individual do sentido de humor difere de pessoa para pessoa e varia de acordo com a disposição, a personalidade, a situação, o nível de atenção, a importância dada à situação, entre outros.

Em termos teóricos, o sentido de humor faz, pois, apelo a vários elementos, i.e., as pequenas partes que constroem o humor juntam-se num mapa cognitivo que representa a individualidade de cada um (Thorson & Powell, 1993a).

De acordo com Thorson & Powell (1993a), alguns elementos (*reconhecimento de si próprio como uma pessoa humorosa; reconhecimento*

do humor do outro; apreciação do humor; riso; perspectiva e humor adaptativo) podem incluir o “repertório” do humor individual.

O *reconhecimento de si próprio como uma pessoa humorosa* surge devido a um passado de sucessos ou insucessos. As pessoas têm variados graus de motivação para o desenvolvimento do sentido de humor, mas a pessoa que compreende a recompensa do comportamento humoroso pode sentir-se livre ou motivada para desenvolver o sentido de humor e usar o humor na vida diária. Também, neste sentido, uma pessoa pode procurar desenvolver um estilo pessoal de sentido de humor quando sente como gratificante conseguir compreender uma piada de outro, i.e., quando há o *reconhecimento do humor do outro*.

A *apreciação do humor* está intimamente ligada às atitudes face à pessoa humorosa e estas, por sua vez, estão estreitamente relacionadas com as atitudes respeitantes ao humor consigo próprio. Esta apreciação varia com o contexto social e com os próprios tipos de humor apreciados. O *riso* surge como resposta comportamental, podendo relacionar-se, ou não, com o sentido de humor, já que, também, pode resultar de uma alteração da saúde mental, ou ser meramente um mecanismo de defesa, num dado contexto. A resposta comportamental pode ser vista como um elemento que, para além do sorriso e do riso, inclui uma resposta comportamental indicativa do reconhecimento do humor.

O ponto de vista individual pode ser considerado um elemento do sentido de humor, particularmente quando a perspectiva inclui a apreciação dos absurdos da vida. Neste sentido a *perspectiva* pode ser vista como um tipo de resposta adaptativa (“mesmo aborrecido sou capaz de rir-me disto”). A perspectiva inclui ser tolerante e ser relutante a ofender, atacar ou procurar vingança. Na realidade, usar o *humor* como uma resposta ou um mecanismo *adaptativo* é um elemento do sentido de humor que causa admiração. O humor negro pode ser uma ótima resposta a uma crise, pois, através dele, a pessoa é capaz de perceber o verdadeiro significado do problema e usar o humor como uma resposta adaptativa. A habilidade para usar o

humor como um “*lubrificante social*” e diminuir as situações de tensão é, provavelmente, uma das formas mais apuradas do uso do humor como humor adaptativo (Thorson & Powell 1993a).

O estudo dos aspectos multidimensionais do humor é recente. Em 1993, Thorson & Powell (1993a), desenvolveram e validaram o instrumento *Multidimensional Sense of Humor Scale* (MSHS). Neste trabalho, o humor apresentou-se como construto multidimensional. A escala de 24 itens apresentou um alfa de Cronbach de 0.92, constituindo-se nas dimensões “*produção e uso social do humor*”; “*humor adaptativo*”; “*apreciação do humor*” e “*atitude pessoal face ao humor*” (Thorson & Powell, 1993a). A referida escala baseou-se numa revisão bibliográfica, a partir da qual os autores desenvolveram 124 itens que representavam os seis elementos do humor descritos na literatura. A validade do construto foi analisada através da análise factorial, em três “momentos”, obtendo-se uma escala final, de quatro dimensões, composta por 24 itens.

Thorson & Powell (1993b) efectuaram ainda um estudo correlacional onde relacionaram o sentido do humor com as dimensões da personalidade. Neste, e através da aplicação da MSHS, os autores propõem uma teoria do humor que vai para além da avaliação das respostas afectivas ou cognitivas aos estímulos humorosos e referem que o sentido de humor de cada indivíduo resulta de uma rede complexa de traços de personalidade. Os resultados da análise factorial decorrente da aplicação da MSHS a uma população de 426 estudantes universitários concorreram para a validade de construto do instrumento. Os autores assinalam a necessidade da realização de estudos longitudinais para se poder concluir acerca do desenvolvimento da natureza do sentido de humor. Consideram ainda essencial constituir amostras diversificadas em termos de etnia, sendo necessária a sua replicação para confirmação dos resultados obtidos (Thorson & Powell, 1993b).

Também Bennet (1994) investigou o humor através da MSHS, assinalando as suas repercussões no sistema imunitário. Neste seu trabalho intitulado “*The effect of exposure to a humorous video and sense*

of humour on NK cell activity”, a autora concluiu que os resultados obtidos estão de acordo com a teoria, indicando que ao invés de serem directamente os efeitos fisiológicos do riso a afectarem o sistema imunitário, é o humor, ao nível cognitivo, que desempenha essa função (Bennett, 1994).

Entre 1995 e 1998, Kerkkänen, Kuiper & Martin (2004), realizaram um estudo acerca da relação entre o sentido de humor e o bem-estar laboral dos chefes de polícia finlandeses, visando identificar as alterações no humor.

A saúde psicológica e o sentido de humor foram igualmente estudados. Thorson, Powell, Sarmany-Schuller & Hampes (1997), mediante a aplicação da MSHS, mostraram como os scores desta escala se relacionaram positivamente com vários factores associados à saúde psicológica, tais como a auto-estima, a criatividade e o optimismo e negativamente com factores como a depressão, pessimismo e ansiedade perante a morte. Neste estudo, os autores correlacionam a MSHS com outros testes psicológicos de Personalidade, Religiosidade e Ansiedade perante a Morte. Concluíram que, pela quantidade e variedade de estudos realizados com a MSHS, esta apresenta uma consistente estrutura factorial, abonando a favor da validade do construto, apresentando alfas de *Cronbach* elevados, denotando propriedades psicométricas adequadas. Referem ainda, que esta escala é um dos poucos instrumentos de avaliação existente, desenhado com base numa teoria acerca do sentido de humor, reflectindo a sua natureza multidimensional (Thorson *et al.*, 1997).

A revista *Behavioral Medicine* divulgou em 1999, um trabalho de Moran & Massan acerca da diferença entre a influência do humor adaptativo e a preferência humorosa no estado de espírito. Decorrente da utilização da MSHS para avaliar o sentido de humor dos participantes, concluiu-se que o humor varia com a idade e o sexo, apresentando uma importante função adaptativa, ajudando a minimizar a tristeza e ansiedade (Moran & Massan, 1999).

Em 2003, Bennett, Zeller, Rosenberg & McCann mostraram a importância do humor na diminuição do stress. Através da MSHS para avaliação do sentido

de humor, estudaram o efeito de um riso alegre no stress e na actividade das células “*Natural Killer*”. Este estudo de natureza experimental, que usou como estímulo humoroso um vídeo humorístico, assinalou a importância da intervenção humorosa na diminuição do stress e aumento da actividade das células “*Natural Killer*”. Assim, e dado que o stress influencia negativamente o sistema imunitário, parece verdadeiramente importante que o uso do riso, alegre, passe a ser considerado como intervenção cognitivo-comportamental (Bennett, Zeller, Rosenberg & McCann, 2003).

Verificamos, pelos estudos citados, o importante papel desempenhado pelo humor. As correlações entre o sentido de humor e variáveis demográficas, dimensões da personalidade, variáveis antropométricas, entre outras, evidenciaram a importante função adaptativa do humor, bem como a influência deste no sistema imunitário.

Também em Portugal surge a necessidade em investigar as dimensões do humor, sendo necessária a utilização de instrumentos fiáveis.

Metodologia

Foi desenvolvido um estudo exploratório de corte transversal, que pretendeu adaptar para português a MSHS.

Amostra

Os participantes do estudo constituíram-se numa amostra, por acessibilidade, formada por 208 elementos, incluindo estudantes universitários, profissionais de saúde, clientes de um café, de um cabeleireiro, frequentadores de uma sociedade recreativa e alunos de uma Universidade da Terceira Idade.

A amostra é representada por 73,3% de respondentes do sexo feminino. A idade média é de 43,77 anos com um desvio padrão de 18,46. A mediana situa-se nos 41 anos com uma moda de 20 anos.

Instrumento

O instrumento de recolha de dados adoptado foi a *Multidimensional Sense of Humor Scale* (MSHS), desenvolvida por Thorson & Powell (1993a).

A MSHS é um instrumento constituído por 24 itens que avalia os aspectos multidimensionais do sentido de humor, considerando quatro dimensões (Produção e uso social do humor; Humor adaptativo; Atitude pessoal face ao humor e Apreciação do humor) em 24 itens. É apresentado sob a forma de uma escala Likert de 5 pontos, que varia entre 1 (concordo totalmente) e 5 (discordo totalmente).

Procedimentos na recolha dos dados

Como primeira etapa deste trabalho solicitou-se autorização aos autores da escala (Thorson & Powell) para utilização da mesma, tendo esta sido expressamente concedida.

Posteriormente, foi efectuada a tradução do questionário pelos investigadores e separadamente executado o mesmo procedimento por um investigador bilingue da área da Ciências Sociais, tendo-se confrontado as duas versões num painel constituído pelos três investigadores, chegando-se depois à versão final. Foi efectuada uma aplicação a 10 enfermeiros, visando analisar a compreensibilidade e despistar alguma dificuldade. Não se tendo verificado nenhum dos obstáculos mencionados, foram administrados e voluntariamente preenchidos os questionários em ambiente de sala de aula, cabeleireiro, cafés, universidade da terceira idade, sociedade recreativa e domicílio, antecedido de uma breve apresentação dos objectivos do estudo.

Os questionários foram acompanhados de uma carta de apresentação onde constavam os objectivos do trabalho, procedimentos e garantia de confidencialidade e de anonimato.

Dos 220 questionários entregues, foram devolvidos 208, o que representou um grau de retorno de 94,55%.

Resultados

A validade de conteúdo é essencialmente um julgamento efectuado, permitindo analisar em que medida o conteúdo dos itens reflecte o construto em análise. Daí que se tenha optado pela análise de respostas do painel de peritos constituído para o efeito, constituindo uma forma e evidência de validade de conteúdo (Murphy & Davidshofer, 1998; Ribeiro, 1999b).

Os resultados obtidos da análise efectuada pelo painel de peritos assinalaram uma concordância entre os seus três constituintes, relativamente à adequação da descrição dos itens ao construto em análise, i.e., adequação do seu conteúdo, adequando-se às quatro dimensões propostas.

Foi também analisada a distribuição das respostas ao longo do espectro da escala, pelo que foram calculadas a média, o desvio padrão, o mínimo e o máximo para cada item, conforme apresentado no quadro 1.

Pela análise do quadro 1, constatamos uma variabilidade de respostas em quase toda a amplitude da escala. O item 19 “*Eu aprecio as pessoas que geram humor*” (4,37) e o item 20 “*Eu gosto de uma boa piada*” (4,53) são os que apresentam valores médios mais elevados, indiciando uma boa aceitação e apreciação do humor. O item 4 “*As pessoas olham para mim, para que diga coisas engraçadas*” é aquele que apresenta o valor médio mais baixo (2,47).

Estudo factorial

Apesar de ser complexa, a avaliação da validade de construto torna-se necessária para que possamos considerar o instrumento visado como uma medida adequada da multidimensionalidade do sentido de humor. A análise factorial, a correlação com outros testes, a validade convergente e a validade discriminante são formas de validade de construto (Anastasi, 1990; Ribeiro 1999a).

Concorreram neste estudo para a validade de construto, a análise factorial de componentes principais, a determinação da consistência interna

QUADRO 1 – Média, desvio padrão e amplitude de variação dos itens que constituem a MSHS

Item	Amplitude de variação	Média	Desvio Padrão
1. Eu sou visto pelos meus amigos como uma pessoa com sentido de humor	1-5	3,54	0,95
2. Eu consigo dizer as coisas de um modo que faz as pessoas rir	1-5	3,40	0,92
3. Os meus ditos inteligentes divertem os outros	1-5	3,16	0,95
4. As pessoas olham para mim, para que diga coisas engraçadas	1-5	2,47	1,03
5. Eu uso o humor para entreter os meus amigos	1-5	3,04	1,14
6. Estou confiante de que consigo fazer outras pessoas rir	1-5	3,13	1,06
7. Outras pessoas dizem-me que eu digo coisas engraçadas	1-5	3,19	1,01
8. Às vezes vêm-me à cabeça piadas ou histórias engraçadas	1-5	3,56	1,00
9. Eu consigo surpreender e pôr as pessoas a rir à gargalhada	1-5	2,92	1,08
10. Eu consigo aliviar uma situação de tensão dizendo algo engraçado	1-5	3,33	1,01
11. Eu até consigo ter algum controlo sobre um grupo, quando uso humor	1-5	2,94	1,03
12. O humor ajuda-me a lidar com as coisas	1-5	3,76	1,02
13. Piadas inteligentes ou uso de humor ajudam-me a gerir situações difíceis	1-5	3,58	1,03
14. Lidar com as coisas com humor é uma elegante forma de adaptação	1-5	3,87	0,92
15. Tentar gerir situações através do uso do humor é realmente estúpido*	1-5	4,31	1,01
16. O humor é uma péssima forma de lidar com as coisas*	1-5	4,33	1,06
17. Usar o humor ajuda-me a sentir mais à vontade	1-5	3,66	0,94
18. Eu consigo usar piadas inteligentes para me ajudar a adaptar a muitas situações	1-5	3,09	1,08
19. Eu aprecio as pessoas que geram humor	2-5	4,37	0,74
20. Eu gosto de uma boa piada	2-5	4,53	0,64
21. Chamar a alguém “comediante” é um verdadeiro insulto*	1-5	4,25	1,00
22. Eu não gosto de cómicos*	1-5	4,02	1,26
23. Pessoas que dizem piadas são maçadoras*	1-5	4,23	1,05
24. Fico desconfortável quando alguém está a dizer piadas*	1-5	4,25	1,14

* itens invertidos.

das dimensões avaliativas do construto do humor, as correlações item/factores com e sem sobreposição do item e as correlações entre factores.

A análise factorial contribuiu fortemente para a evidência da validade de construto. Este procedimento permite verificar em que medida os factores teóricos obtêm uma tradução empírica. No entanto, decorrente de vários aspectos, nomeadamente da diversidade cultural, surgem diferentes agrupamentos das diferentes facetas, reflectindo a forma como os respondentes percebem e interpretam as várias questões apresentadas, resultando diferentes estruturas factoriais eventualmente interpretáveis.

Seguiram-se as recomendações de Kline (1986) para efectuarmos o procedimento de análise factorial. Este autor (1986) considera um mínimo 100 participantes e a relação entre o número de participantes e o número de itens não ser inferior a 3:1, o que se verificou na nossa amostra.

Da análise factorial efectuada pelo método dos componentes principais com rotação Varimax, emergiram cinco factores com Eigenvalues

superiores a 1 conforme apresentado na tabela 1, que explicam 65,22% da variância total, sendo o primeiro responsável por 29,25% o segundo por 11,71%, o terceiro por 9,03%, o quarto por 8,37% e o quinto por 6,86%.

As dimensões geradas empiricamente são interpretáveis e representam maioritariamente as dimensões propostas pelos autores da MSHS. A primeira dimensão agrupa itens relacionados com a *produção e uso social do humor* sendo por isso assim designada, tendo-se obtido saturações iguais ou superiores a (0,57). A segunda dimensão agrupa itens relacionados com o *humor adaptativo*, tendo-se obtido globalmente saturações elevadas ($\geq 0,67$), ficando assim designada.

A terceira dimensão reúne itens relacionados com a *objecção ao uso do humor*, ficando assim denominada. Obtiveram-se saturações globalmente também elevadas ($\geq 0,61$). A quarta dimensão agrupa itens relacionados com a *atitude pessoal face ao humor*, e por isso assim se nomeia. A última dimensão agrupa itens relacionados com a *apreciação do humor*, sendo esta a sua designação.

TABELA 1 – Análise factorial em componentes principais: Pesos (loadings) de uma solução com cinco factores.

Item	Loading
Factor 1: Produção e uso social do humor (0,93)	29,25%*
7. Outras pessoas dizem-me que eu digo coisas engraçadas	0,79
9. Eu consigo surpreender e pôr as pessoas a rir à gargalhada	0,79
3. Os meus ditos inteligentes divertem os outros	0,78
2. Eu consigo dizer as coisas de um modo que faz as pessoas rir	0,78
10. Eu consigo aliviar uma situação de tensão dizendo algo engraçado	0,76
1. Eu sou visto pelos meus amigos como uma pessoa com sentido de humor	0,74
11. Eu até consigo ter algum controlo sobre um grupo, quando uso humor	0,73
6. Estou confiante de que consigo fazer outras pessoas rir	0,73
4. As pessoas olham para mim, para que diga coisas engraçadas	0,73
5. Eu uso o humor para entreter os meus amigos	0,71
18. Eu consigo usar piadas inteligentes para me ajudar a adaptar a muitas situações	0,59
8. Às vezes vêm-me à cabeça piadas ou histórias engraçadas	0,57
Factor 2: Humor adaptativo (0,84)	11,71%*
12. O humor ajuda-me a lidar com as coisas	0,70
14. Lidar com as coisas com humor é uma elegante forma de adaptação	0,67
13. Piadas inteligentes ou uso de humor ajudam-me a gerir situações difíceis	0,67
17. Usar o humor ajuda-me a sentir mais à vontade	0,66
Factor 3: Objecção ao uso do humor (0,63)	9,03%*
15. Tentar gerir situações através do uso do humor é realmente estúpido	0,74
16. O humor é uma péssima forma de lidar com as coisas	0,73
21. Chamar a alguém “comediante” é um verdadeiro insulto	0,61
Factor 4: Atitude pessoal face ao humor (0,74)	8,37%*
22. Eu não gosto de cómicos	0,87
24. Fico desconfortável quando alguém está a dizer piadas	0,75
23. Pessoas que dizem piadas são maçadoras	0,64
Factor 5: Apreciação do humor (0,71)	6,86%*
19. Eu aprecio as pessoas que gerem humor	0,82
20. Eu gosto de uma boa piada	0,82

Principal Components Extraction with Varimax Rotation and Kaiser Normalization
 Nota: Alpha de Cronbach entre parêntesis; * variância explicada.

Todos os itens que saturaram nos respectivos factores, apresentam valor positivo, i.e., quanto maior é a pontuação na escala maior é a percepção do humor nessa dimensão. O item 18 “*Eu consigo usar piadas inteligentes para me ajudar a adaptar a muitas situações*”, apresenta ambiguidade factorial, saturando no entanto com maior peso na dimensão 1.

Fidelidade

A fidelidade poderá ser definida pela confiança que depositamos no instrumento relativamente à constância dos resultados obtidos em várias aplicações. Visa avaliar o grau expresso em termos de coeficiente de correlação (r) em que os resultados de um teste são livres de erro de medida.

Optámos pelo método da avaliação da consistência interna mediante a determinação do *Alpha de Cronbach* como medida da fidelidade, permitindo a obtenção de uma boa estimativa na maioria das situações (Nunnally, 1978).

Segundo Ribeiro (1999a), valores de consistência de 0,80 são considerados bons, embora se possam aceitar valores tão baixos como 0,60 quando estamos perante um número reduzido de itens que constituem o factor, como é o caso do factor 3, 4 e 5, conforme expresso na tabela 1.

Estudo correlacional

Como refere Ribeiro (2004), correlações elevadas entre itens de uma mesma dimensão e a presença de correlações (>0,40) de cada item com a dimensão

a que pertencem é abonatório da consistência dessa dimensão.

Os itens que constituem a escala devem apresentar correlações elevadas, traduzindo-se numa consistência interna elevada, espelhando a medida em que os itens medem o mesmo construto (Ribeiro, 2004).

Pela análise das tabelas 2, 3, 4, 5, 6 e quadro 2, podemos verificar que a correlação inter-itens no total e dentro de cada dimensão, e as correlações dos itens com a dimensão a que pertencem sem sobreposição apresentam valores correlacionais moderados e fortes, sugerindo que os itens de cada

dimensão têm homogeneidade suficiente para constituírem uma dimensão (validade convergente discriminante).

Globalmente, da análise da correlação bicaudal de cada item com os factores, verificou-se que cada item se correlaciona mais fortemente com o factor a que pertence do que a outros factores, sendo prova de validade discriminante dos itens.

Na tabela 7 são apresentadas as correlações entre as várias dimensões do Humor. Podemos verificar desde ausência de correlações significativas entre as dimensões até correlações moderadas entre elas.

TABELA 2 – Correlações bicaudais *r* de Pearson inter-itens e itens/factor “Produção e uso social do humor”.

Itens	It. 1	It. 2	It. 3	It. 4	It. 5	It. 6	It. 7	It. 8	It. 9	It. 10	It. 11	It. 18
It. 1	—											
It. 2	0,61**	—										
It. 3	0,57**	0,68**	—									
It. 4	0,48**	0,53**	0,54**	—								
It. 5	0,54**	0,54**	0,52**	0,66**	—							
It. 6	0,47**	0,58**	0,52**	0,52**	0,59**	—						
It. 7	0,56**	0,67**	0,63**	0,58**	0,56**	0,54**	—					
It. 8	0,40**	0,41**	0,45**	0,36**	0,45**	0,44**	0,49**	—				
It. 9	0,54**	0,57**	0,60**	0,49**	0,56**	0,66**	0,59**	0,53**	—			
It. 10	0,52**	0,61**	0,57**	0,52**	0,57**	0,54**	0,60**	0,52**	0,64**	—		
It. 11	0,58**	0,61**	0,52**	0,58**	0,59**	0,52**	0,57**	0,40**	0,51**	0,61**	—	
It. 18	0,50**	0,49**	0,52**	0,51**	0,56**	0,47**	0,51**	0,46**	0,55**	0,57**	0,55**	—
F1	0,74**	0,78**	0,78**	0,74**	0,79**	0,76**	0,80**	0,65**	0,80**	0,80**	0,76**	0,74**

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$; F1 – Produção e uso social do humor.

TABELA 3 – Correlações bicaudais *r* de Pearson inter-itens e itens/factor “Humor adaptativo”.

Itens	Item 12	Item 13	Item 14	Item 17
Item 12	—			
Item 13	0,74**	—		
Item 14	0,49**	0,50**	—	
Item 17	0,61**	0,57**	0,46**	—
F2 – Humor adaptativo	0,87**	0,87**	0,74**	0,80**

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$.

TABELA 4 – Correlações bicaudais *r* de Pearson inter-itens e itens/factor “Objecção ao uso do humor”.

Itens	Item 15	Item 16	Item 21
Item 15	—		
Item 16	0,52**	—	
Item 21	0,32**	0,25**	—
F3 – Objecção ao uso do humor	0,81**	0,79**	0,68**

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$.

TABELA 5 – Correlações bicaudais *r* de Pearson inter-itens e itens/factor “Atitude pessoal face ao humor”.

Itens	Item 22	Item 23	Item 24
Item 22	—		
Item 23	0,44**	—	
Item 24	0,49**	0,57**	—
F4 – Atitude pessoal face ao Humor	0,81**	0,80**	0,83**

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$.

TABELA 6 – Correlações bicaudais *r* de Pearson inter-itens e itens/factor “Apreciação do humor”.

Itens	Item 19	Item 20
Item 19	—	
Item 20	0,55**	—
F5 – Apreciação do Humor	0,90**	0,86**

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$.

QUADRO 2 – Correlações bicaudais r de Pearson item/factores.

Item	Sem sobreposição do item	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	Factor 5
1.	0,69	0,74**	0,45**	0,04	0,02	0,21**
2.	0,74	0,78**	0,50**	-0,02	0,10	0,16*
3.	0,73	0,78**	0,49**	0,11	0,02	0,15*
4.	0,69	0,74**	0,42**	-0,07	0,00	0,14
5.	0,73	0,79**	0,54**	0,06	0,09	0,26**
6.	0,70	0,76**	0,46**	0,11	0,13	0,28**
7.	0,75	0,80**	0,54**	0,10	0,10	0,15*
8.	0,58	0,65**	0,50**	0,27**	0,22**	0,27**
9.	0,75	0,80**	0,44**	0,09	0,19**	0,21**
10.	0,75	0,80**	0,52**	0,03	0,13	0,18**
11.	0,71	0,76**	0,43**	-0,03	0,02	0,15*
12.	0,75	0,58**	0,87**	0,22**	0,22**	0,36**
13.	0,73	0,61**	0,87**	0,25**	0,24**	0,31**
14.	0,55	0,38**	0,74**	0,38**	0,21**	0,36**
15.	0,53	0,14*	0,37**	0,81**	0,31**	0,19**
16.	0,48	0,5	0,25**	0,79**	0,47**	0,19**
17.	0,64	0,55**	0,80**	0,13	0,15*	0,31**
18.	0,67	0,74**	0,65**	0,04	0,13	0,23**
19.	0,55	0,21**	0,37**	0,17*	0,10	0,90**
20.	0,55	0,26**	0,35**	0,28**	0,25**	0,86**
21.	0,32	-0,01	0,06	0,68**	0,29**	0,18**
22.	0,53	0,11	0,14*	0,25**	0,81**	0,13
23.	0,58	0,15*	0,28**	0,52**	0,80**	0,26**
24.	0,61	0,06	0,20**	0,42**	0,83**	0,10

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$; Factor 1 itens: 1-11, 18; Factor 2 itens: 12-14, 17; Factor 3 itens: 15-16, 21; Factor 4 itens: 22-24; Factor 5 itens: 19-20.

TABELA 7 – Correlações entre factores do instrumento MSHS

Medida	F1	F2	F3	F4	F5
F1 – Uso social do humor	—				
F2 – Humor adaptativo	0,65**	—			
F3 – Objecção ao uso do humor	0,07	0,29**	—		
F4 – Atitude pessoal face ao humor	0,12	0,24**	0,47**	—	
F5 – Apreciação do humor	0,26**	0,40**	0,25**	0,19**	—

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$.

No sentido de avaliar o poder discriminativo da MSHS relativamente à variável idade, analisámos o comportamento da variável idade relativamente aos factores do humor, verificando-se ser preditor dos factores 3 – “Objecção ao uso do humor” (os itens que constituem a dimensão foram invertidos) e 4 – “Atitude pessoal face ao humor” (os itens que constituem a dimensão foram invertidos). Estes resultados indicam que a idade prediz os dois factores, indicando que a maior idade corresponde maior objecção ao uso do humor e atitude menos positiva face ao humor, tal como apresentado na tabela 8.

TABELA 8 – Incrementos da variância explicada (R^2) pela variável “idade” nas dimensões do humor “Objecção ao uso de humor”, “atitude pessoal face ao humor” e respectivos valores do coeficiente de regressão standartizados (β).

Factor	F3		F4	
	R^2	β	R^2	β
Idade	0,5**	-0,22	0,19**	-0,44

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$.

F3 – Objecção ao uso do humor (os itens que constituem a dimensão foram invertidos); F4 – Atitude pessoal face ao humor (os itens que constituem a dimensão foram invertidos).

Conclusões

Neste trabalho emergiram cinco dimensões, das quais, quatro são sobreponíveis às dimensões propostas por Thorson & Powell (1993a) (Produção e uso social do humor; Humor adaptativo; Atitude pessoal face ao humor e Apreciação do humor) corroborando globalmente a sua estrutura. A quinta dimensão a que denominámos (Objecção ao uso do humor), manifesta-se como variação estrutural.

Estes resultados evidenciaram a natureza multidimensional do humor, corroborando os estudos efectuados por Robinson (1991); Astedt-Kurki & Liukkonen (1994); Bennet (1994); Hesbeen (1997); Thorson & Powell (1993a e 1993b); Houston, Mackee, Carrol & Marsh (1998); Yarcheski, Mahon & Yarcheski (2002).

Os valores médios obtidos nas dimensões apresentaram-se acima do ponto médio da escala, podendo indicar auto-estima elevada, empatia e atracção interpessoal, dado que a presença de sentido de humor predispõe a usá-lo na vida diária, tendo impacto positivo na vida das pessoas, ajudando-as a adaptarem-se às situações do quotidiano (Martin & Lecfour, 1983; Murstein & Brust, 1985; Booth-Butterfield & Booth-Butterfield, 1991; Kuiper & Martin, 1993; Hampes, 2001; Merolla, 2006).

Esta riqueza na produção do humor constatada pela sua estrutura, poderá também assinalar uma habilidade natural para processar informação (Booth-Butterfield & Booth-Butterfield, 1991). Do mesmo modo que os indivíduos diferem em traços pessoais, tais como a capacidade argumentativa, agressiva ou assertiva, também eles podem variar no tipo de humor gerado e/ou apreciado ou até na sua atitude face a este (McCroskey, Daly, Martin & Beatty, 1998).

A investigação parece também realçar, que o humor é frequentemente usado como uma estratégia de *coping* para melhorar o estado de espírito, tal como assinam vários autores (Bippus, 2000; Boyle & Joss-Reid, 2004; Quinn, Wanzer & Irwin, 2002; Talbot, 2004).

Estes resultados, além de assinalarem a riqueza e a diversidade do humor como forma de comunicar e interagir, influenciando as relações na forma de cuidar (Wender, 1996), parecem também evidenciar uma característica que poderá ser culturalmente específica. Como refere Gil (2005), o "...«carácter dos portugueses» ditos «tristes, taciturnos, acabrunhados» ..." (p. 78) pode reportar-nos a uma população com uma herança cultural onde, apesar de na vida privada olharem as coisas com humor, depois, sentem-se e "mostram-se" com pouco sentido de humor, tendendo

algumas vezes, a negar a importância da sua utilização, sobretudo em contextos mais formais. Esta resposta cultural, influencia o modo como cada indivíduo se relaciona com o humor, pelo que, com o aumento da idade, possa diminuir o uso do humor, tal como observado na nossa investigação. Assim, em diferentes contextos nomeadamente de doença e morte, poderemos ter respostas mais negativas (Facente, 2006).

Não obstante, na área da saúde a utilização do humor é particularmente importante para os enfermeiros e outros cuidadores, podendo ajudar a lidar com o stress e a fazer face às exigências da profissão (Talbot, 2000; Wanzer, Booth-Butterfield & Booth-Butterfield, 1997).

Em resumo, o instrumento apresentou uma estrutura factorial interpretável globalmente consistente com estudos efectuados noutras amostras, com os valores de consistência interna por dimensão satisfatórios, pelo que os resultados psicométricos da MSHS parecem indicar ser um instrumento válido para caracterizar os indivíduos no que respeita ao seu "*estado humoroso*", conseguindo descrever o sentido de humor nas suas diferentes dimensões. Apresenta também capacidade discriminativa relativamente à variável idade nas suas dimensões "*Objecção ao uso do humor*" e "*Atitude pessoal face ao humor*".

Agradecimentos

Os autores agradecem, reconhecidos, à Sr.ª Professora Doutora Marta Lima Basto os contributos para este artigo.

Bibliografia

- ANASTASI, A. (1990) – **Psychological testing**, 86th ed. New York: Macmillan.
- ASTEDT-KURKI, P.; ISOLA, A. (2001) – Humour between nurse and patient, and among staff: analysis of nurses' diaries. **Journal of Advanced Nursing**, Vol. 35, n.º 3, p. 452-458.
- ASTEDT-KURKI, P.; LIUKKONEN, A. (1994) – Humor in nursing care. **Journal of Advanced Nursing**, Vol. 20, n.º 1, p. 183-188.

- BAUER, M.; GERONT, M. (1999) – The use of humor in addressing the sexuality of elderly nursing home residents. **Sexuality and Disability**. Vol. 17, n.º 2, p. 147-155.
- BECK, C. (1997) – Humor in nursing practice: a phenomenological study. **International Journal of Nursing Studies**. Vol. 34, n.º 5, p. 346-352.
- BENNETT, M. (2003) – **The effect of exposure to a humorous video and sense of humor on NK cell activity: pilot study** [Em linha]. [Consult. 14 Mar. 2003]. Disponível em WWW:<URL:web.indstate.edu/mary/pilot.htm>.
- BENNETT, M. [et al.] (2003) – The effect of mirthful laughter on stress and natural killer cell activity. **Alternative Therapies in Health and Medicine**. Vol. 9, n.º 2, p. 38-43.
- BIPPUS, A. M. (2000) – Humor usage in comforting episodes: factors predicting outcomes. **Western Journal of Communication**. Vol. 64, n.º 4, p. 359-384.
- BOOTH-BUTTERFIELD, S.; BOOTH-BUTTERFIELD, M. (1991) – Individual differences in the communication of humorous messages. **Southern Speech Communication Journal**. Vol. 56, p. 205-218.
- BOYLE, G. J.; JOSS-REID, J. M. (2004) – Relationship of humour to health: a psychometric investigation. **British Journal of Health Psychology**. Vol. 9, n.º 1, p. 51-66.
- BUFFUM, M.; BROD, M. (1998) – Humor and well-being in spouse caregivers of patients with Alzheimer's disease. **Applied Nursing Research**. Vol. 11, n.º 1, p. 12-18.
- FACENTE, A. (2006) – Humor in health care: irreverent or invaluable? **Hospital Nursing**. Vol. 36, n.º 4, p. 64-65.
- GIL, J. (2005) – **Portugal hoje: o medo de existir**. 5.ª ed. Lisboa: Relógio d'Água.
- HAMPES, W. P. (2001) – Relation between humor and empathic concern. **Psychological Reports**. Vol. 88, p. 241-244.
- HESBEEN, W. (1997) – **Prendre soin a l'hôpital**. Paris: Masson.
- HOLDEN, R. (1993) – **Laughter, the best medicine: the healing powers of happiness, humor and joy**. London: Thompson.
- HOSTETLER, J. (2002) – Humor, spirituality, and well-being. **Perspectives on Science and Christian Faith**. Vol. 54, n.º 2, p. 108-113.
- HOUSTON, D. [et al.] (1998) – Using humour to promote psychological wellbeing in residential homes for holder people. **Aging & Mental Health**. Vol. 2, n.º 4, p. 328-332.
- JOHNSON, P. (2002) – The use of humor and its influences on spirituality and coping in breast cancer survivors. **Oncologic Nursing Fórum**. Vol. 29, n.º 4, p. 691-695.
- JOSÉ, H. (2002) – **Humor nos cuidados de enfermagem: vivências de doentes e enfermeiros**. Loures: Lusociência.
- JOSÉ, H. (2006) – Humor: que papel na saúde? Uma revisão da literatura. **Pensar Enfermagem**. Vol. 10, n.º 2, p. 2-18.
- KERKKÄNEN, P.; KUIPER, N.; MARTIN, R. (2004) – Sense of humor, physical health, and well-being at work: a three-year longitudinal study of finnish police officers. **Humor: International of Humor Research**. Vol. 17, n.º 1-2, p. 21-35.
- KLINE, P. (1986) – **Handbook of test construction**. New York: Methuen.
- KUIPER, N. A.; MARTIN, R. A. (1993) – Humor and self-concept. **Humor: International Journal of Humor Research**. Vol. 6, p. 251-270.
- MARTIN, R. A.; LEFCOURT, H. M. (1983) – Sense of humor as a moderator of the relation between stressors and moods. **Journal of Personality and Social Psychology**. Vol. 45, n.º 6, p. 1313-1324.
- MCCROSKEY, J. C. [et al.], ed lit. (1998) – **Communication and personality: trait perspectives**. Cresskill, NJ: Hampton.
- MERROLA, A. (2006) – Decoding ability and humor production. **Communication Quarterly**. Vol. 54, n.º 2, p. 175-189.
- MOODY, R. A. (1979) – **Humor e salud: el poder curativo de la risa**. Madrid: Editorial EDAF.
- MORAN, C.; MASSAN, M. (1999) – Differential influences of coping humor. **Behavioral Medicine**. Vol. 25, n.º 1, p. 26-34.
- MURPHY, K. R.; DAVIDSHOFER, C. O. (1998) – **Psychological testing: principles and applications**. 4th ed. Upper Saddle River, NJ: Prentice-Hall.
- MURSTEIN, B. I.; BRUST, R. G. (1985) – Humor and interpersonal attraction. **Journal of Personality Assessment**. Vol. 49, n.º 6, p. 637-640.
- NUNNALLY, J. C. (1978) – **Psychometric theory**. 2nd ed. New York: McGraw-Hill.
- POON, L. [et al.] (1992) – The influences of cognitive resources on adaptation and old age. **International Journal of Aging and Human of Development**. Vol. 34, n.º 1, p. 31-46.
- QUINN, G. P.; WANZER, M. B.; IRWIN, B. J. (2002) – **Is this a joking matter? Humor as comforting communication**. Paper presented at the annual meeting of the National Communication Association, New Orleans.
- RIBEIRO, J. L. (1999a) – **Investigação e avaliação em psicologia e saúde**. Lisboa: Climepsi.
- RIBEIRO, J. L. (1999b) – Escala de satisfação com o suporte social (ESSS). **Análise Psicológica**. 17.ª Série, n.º 3, p. 387-397.
- RIBEIRO, J. L. (2004) – Avaliação das intenções comportamentais relacionadas com a promoção e protecção da saúde e com a prevenção das doenças. **Análise Psicológica**. 22.ª Série, n.º 2, p. 547-558.
- ROBINSON, V. (1991) – **Humor and the health professions: the therapeutic use of humor in health care**. 2.ª ed. Thorofare: Slack Incorporated.
- SAVAGE, L.; CANODY, C. (1999) – Life with a left ventricular assist device: the patient's perspective. **American Journal of Critical Care**. Vol. 8, n.º 5, p. 340-343.

- SEV'ER, A.; UNGAR, S. (1997) – **No laughing matter: boundaries of gender-based humour in the classroom.** *The Journal of Higher Education*. Vol. 68, n.º 1, p. 87-105.
- SHELDON, L. (1996) – An analysis of the concept of humour and its application to one aspect of children's nursing. *Journal of Advanced Nursing*. Vol. 24, n.º 6, p. 1175-1183.
- SIMON, J. (1988) – The therapeutic value of Humor in aging adults. *Journal of Gerontological Nursing*. Vol. 14, n.º 18, p. 9-13.
- SNYDER, M. (1985) – **Independent nursing interventions.** New York: John Wiley.
- TALBOT, L. A. (2000) – Burnout and humor usage among community college nursing faculty members. *College Journal of Research and Practice*. Vol. 24, n.º 5, p. 359-373.
- THORSON, J.; POWELL, F. (1993a) – Development and validation of a multidimensional sense of humor scale. *Journal of Clinical Psychology*. Vol. 49, n.º 1, p. 13-23.
- THORSON, J.; POWELL, F. (1993b) – Sense of humor and dimensions of personality. *Journal of Clinical Psychology*. Vol. 49, n.º 6, p. 799-809.
- THORSON, J. [et al.] (1997) – Psychological health and sense of humor. *Journal of Clinical Psychology*. Vol. 53, n.º 6, p. 605-619.
- VERDEAU-PAILLES, J. (1998) – L'humor em psiquiatria et en psychopathologie. In ROUX, G.; LAHARIE, M. (1998) – **L'humour: histoire, culture et psychologie.** Biarritz: Société Internationale de Psychopathologie de l'Expression et d'Art-Thérapie.
- WANZER, M. B.; BOOTH-BUTTERFIELD, M.; BOOTH-BUTTERFIELD, S. (1997) – **"If we didn't use humor, we'd cry": humorous coping communication in health care settings.** Paper presented at the annual meeting of the National Communication Association, Chicago.
- WISEMAN, R. (2002) – **Laughlab: the scientific search for the world's funniest joke.** London: Random House.
- WENDER, R. (1996) – **Humor in medicine: primary care.** Philadelphia: NR 1.
- WOOTEN, P. (2002) – **Compassionate laughter: jest for your health.** Santa Cruz: Library in Congress Cataloging-in-Publication Data.
- YARCHESKI, A.; MAHON, N.; YARCHESKI, T. (2002) – Humor and health in early adolescents: perceived field motion as a mediating variable. *Nursing Science Quarterly*. Vol. 15, n.º 2, p. 150-155.